

AUTOFICCIONAR-SE: A ZONA DE DERRETIMENTO EM ARTE

ANDRÉ MARTINS ZIEGLER¹;
ROSÂNGELA FACHEL²

¹Universidade Federal de Pelotas – aa.martinz02@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rosangelafachel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As pessoas artistas-pesquisadoras contemporâneas, que investigam poeticamente sobre as relações de si-mesmas com os outros e com as coisas do mundo, deparam-se, muitas vezes, com questões paradoxais. Nesse contexto surge-me o interesse em pesquisar de que maneira fui e sou afetado pelo que vejo. Como as mídias afetam os meus processos de criação em artes? Estas questões me levam a investigar as minhas produções artísticas transmídias¹, por meio de uma perspectiva autoficcional. E refletir, assim, acerca das tessituras pessoais e extra-pessoais, subjetivas e materiais, micro e macro, que constituem minhas experiências estéticas e suas reverberações em meus modos de ver, interpretar e criar.

As produções artísticas dos gêneros de fantasia e ficção científica sempre se apresentaram a mim como intensos gatilhos disparadores de *insights* mentais imagéticos, estéticos e poéticos. Produções cinematográficas contemporâneas como *Senhor dos Anéis* (*The Lord of The Rings*, 2001-2003) de Peter Jackson, *Matrix* (1999-2003) das irmãs Wachowski, *Westworld* (2016-atualmente) desenvolvida por Jonathan Nolan e Lisa Jy; editoriais de moda que apresentam elementos fantásticos, como da fotógrafa Cristina de Middel e do artista George Redhawk (a.k.a. RedHawk_DarkAngelOne); ensaios de fotografia conceitual, como das artistas Cindy Sherman e Daria Endresen; e as narrativas de Matthew Barney e Sophie Calle são algumas das artes que seduzem meu olhar por copioso tempo. Percebo neste meu mapa de referências imagéticas um fascínio por narrativas pertencentes a uma estética do Realismo Mágico². Isto fica ainda mais evidente quando presto atenção que os repertórios simbólicos destas produções atualizam meus traços em convergência às produções contemporâneas.

Em um primeiro momento, isto me alerta sobre uma parte de mim que sonha em participar destas produções espetaculares de uma sociedade materialista, a qual se faz - inevitavelmente - atravessante à minha arte. Tecendo teorias, enquanto sujeito espectador (macro), que se deixa ser seduzido, e produtor (micro), que cria e recria outras imagens, tentando desvendar os misticismos das produções artísticas; observo que existem questões tanto do campo extrapessoal, por exemplo, o sistema econômico e cultural em que vivo, como do campo pessoal da

¹ Jenkins aborda em sua obra *Cultura da Convergência* que a narrativa transmídia surgiu como uma resposta à convergência das mídias e novas exigências aos consumidores (2009, p.48). Por exemplo, um filme mais do que ocupar as telas do cinema ele é previamente divulgado em cartazes no shopping, redes sociais, plataformas de streaming, enfim amplia-se as mídias de apresentação para que o consumidor se interesse pelo universo. Na minha produção artística do campo das artes visuais trago o termo por observar que venho utilizando diversas técnicas e mídias como: a ilustração, pintura, fotografia, vídeo, gif, site, texto por meio de computadores e programas de edição digital; ou ainda a captação de imagem, performance, escultura, figurino, cenário por meio da câmera fotográfica e celular.

² O termo realismo mágico foi cunhado em 1925 por Franz Roh. O conceito de realismo mágico expressa uma afinidade em experimentar novas atitudes da pessoa narradora/autora/artista diante do real. A estética do realismo mágico procura nas representações simbólicas, materiais, concretas e imagéticas tornar visível as coisas invisíveis, os mistérios ocultados por trás da criação artística e que extrapolam as relações/interpretações vistas como normais e “reais”.

ordem de afetos e sentimentos. Desse jeito, questiono-me: como investigar minhas forças de criação por uma perspectiva autoficcional?

2. METODOLOGIA

Me atento, assim, sobre até que ponto esta vontade de participação da indústria criativa me normatiza ou emancipa. Já que a minha relação com estas mídias pertence a um contexto de que elas fazem parte de um sistema de divulgação em massa – quase que infinita – que se intensifica e se torna mais complexa, devido ao imediatismo da internet e outros espaços virtuais. Esta é uma indagação que me acompanha continuamente em minhas investigações poéticas e que não possuí alguma resolução a curto prazo, já que a cada atualização dos meus modos de criar e experimentar estou a modificar uma dinâmica em mim-mesmo entre apartação e criação (sem um julgamento de “bom ou ruim” entre estes dois fenômenos). Conseguinte, recorro a três pensamento teóricos principais que estruturam a minha dissertação na linha de pesquisa de poéticas do cotidiano: o de autoficção, termo cunhado por Serge Doubrovsky (1928), o da ciência ‘patafísica, conformada por Andrew Hugill (1957) e Alfred Jarry (1873) e reflexões acerca da fluidez de gêneros, a partir da noção de si-mesmo de Paul Ricoeur (1913), e a teoria/prática da Esquizoanálise, do filósofo Gilles Deleuze (1925) e o psicanalista Félix Guattari (1930). As questões que despertam esta consonância teórica são relativas à afinidade estética e imagética com o Realismo Mágico, o qual me faz imergir em fabulações de mim-mesmo frente aos valores paradoxais que as mídias contemporâneas apresentam. Relacionando, assim, as minhas práticas artísticas e reflexões teóricas por meio de três narrativas; “Dias Amarelos”, conto em que exploro minhas memórias desde a infância até fase adulta; “Psyart”, uma narrativa futurista, distópica e *cyberpunk*, e “Carta Aberta”, texto em que desenvolvo reflexões poéticas e do campo das artes visuais. Tudo isso constitui a minha dissertação que será apresentada em um *site specific* (arte *in situ*). Nesse espaço virtual serão postos hipertextos que irão possibilitar aos visitantes a navegam entre ilustrações, fotografias, vídeos, *gifs*, sons, textos e outras mídias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreendo que a minha dissertação não trata da especificidade de alguma técnica, forma ou termo do campo tradicional das artes visuais. Mas, sim, de uma dinâmica entre as tessituras, micro e macro, acionadas por uma pessoa em processo de criação autoficcional por meio de diversas mídias, em especial as digitais. Para além de sua condição de gênero literário, a autoficção me serve enquanto zona de experimentação e sensibilização dos meus modos de agenciar repertórios imagéticos. Como nos lembra Nogueira, o próprio Serge Doubrovsky, em suas escritas intertextuais e autoficcionais, já refletia a respeito da existência de uma “psicanálise existencial”, a qual definia “como tributária de um amálgama de trabalhos de Sartre, Merleau-Ponty, Marx, Freud e Hegel.” (NOGUEIRA, 2019, p. 6151).

Nessa sua “psicanálise existencial”, o crítico privilegia o homem – o autor – enquanto ser definido histórica e culturalmente. Mais especificamente, descobre-se, à leitura de seu livro sobre a Nova Crítica (1966), por exemplo, que Doubrovsky considera que uma obra é uma trama, uma “rede infinita de significações” respectivas ao texto impresso, mediatizada por um “universo imaginário” (DOUBROVSKY, 1966, p.101) em cujo centro está um homem definido historicamente, importando-lhe,

porém, a existência imaginária do homem, e não sua biografia; e, sobremaneira, interessa-lhe o resultado de sua linguagem, que alinhava, na obra, o seu universo imaginário numa infinitude de significações (ibidem, passim). Assim, o autor, tal como estudado pelo crítico Doubrovsky, é um homem definido por sua linguagem: homem disseminado pelo texto marcadamente através de suas repetições e composições semânticas. (NOGUEIRA, 2019, p. 6151).

Pode-se dizer que desde o cerne do termo autoficção, no campo da literatura, evidencia-se que esse gênero abarca narrativas articuladas na dualidade entre o real e o ficcional. Ao trazer o termo para minhas práticas no campo das artes visuais proponho uma intersecção do real e ficcional com o símbolo e discurso das representações imagéticas apresentadas em diversas mídias. Neste contexto se faz potente apontar uma maneira ‘patafísica³ de deslocamento (fluir) entre vivências (real) e fabulações⁴ (ficcional). Pois percebo que ao investigar academicamente as práticas autoficcionais estou agenciando ação e pensamento, epifenômenos e fenômenos em discorimentos estéticos. Traçando uma zona de derretimento das maneiras de se criar arte condicionadas às especificidades do campo das artes visuais. Neste sentido as artes transmídias indicam que além da necessidade de se refletir as novas intersecções com esse campo de conhecimento, há de se pensar de que maneira a subjetividade se atualiza frente às novas tecnologias. Nesta dupla atualização, das formas materiais de criação relativas ao meu corpo e das formas de interpretação sobre as ferramentas e as imagens criadas por elas, um “salto patafísico” me lança ao que é negligenciado pela metafísica, física, ao invisível e fora do normal. A partir disto, percebo que ao contextualizar a prática autoficcional concomitante à ciência ‘patafísica em uma pesquisa poética, posso imergir nas representações imagéticas mundanas ao mesmo tempo em que estou a romper e ressignificar os valores que elas carregam.

4. CONCLUSÕES

A importância da prática autoficcional, por meio de fabulações ‘patafísicas, se dá por suas possibilidades de experimentação de mundos diferentes deste nosso. Aciono, assim, a minha fé em “coisas” do universo que extrapolam a compreensão humana e questiono as “coisas” que já são estabelecidas como normais. Neste sentido, retomo à Esquizoanálise, segundo a qual

[...] não existe em nós um sujeito único, mas vários, traçados cada um segundo as linhas duras que os atravessam nos diversos contextos de sua vida: sujeito-aluno, sujeito-trabalhador, sujeito-militar, sujeito-religioso, o marido em um casamento, o namorado, o pai de família, etc. Em outros termos, nossas identidades variam segundo as posições que ocupamos nas relações sociais. A outra informação, que se repetirá para cada uma das linhas, é que nenhuma delas, por si só, é boa ou ruim, pois é necessário ressaltar que embora elas encerrem o desejo em

³ ‘Patafísica não é um termo passível de definição. Porém há esforços em esboçar alguma compreensão dela como: “Patafísica pode é uma ciência das soluções imaginárias; Patafísica está para a metafísica assim como a metafísica está para a física; Patafísica é a ciência do particular e das leis que regem as exceções; Patafísica descreve um universo suplementar à este. (HUGILL, p.03, 2015).

⁴ Deleuze nos diz que a fabulação expande a memória para além da lembrança. Pois se “a função fabuladora falsifica a memória é porque justamente ela não é uma faculdade voltada para o passado, [...] mas uma faculdade voltada para o futuro” (PIMENTEL, 2010, p. 135). Entendo, assim, o processo de fabulação como um fenômeno inerente à vida que nos faz criar zonas de potências - desde tessituras micros, no universo de meus neurônios, correntes elétricas de meu corpo até a formas macros do andar, posar para câmera fotográfica, editar imagens entre outras ações que possibilitam a criação de outros mundos possíveis

significações delimitadas, também importa saber o que elas propiciam do ponto de vista de sua experimentação. Dito de outro modo, o problema das linhas duras é seu princípio de fixação, de estancamento do desejo em determinadas formas de vida, e não necessariamente o tipo de experiência que tais linhas favorecem, que pode ser boa ou ruim. (CASSIANO; FURLAN, 2013, p.373)

Todas estas relações comigo mesmo, com outros e com o mundo seguem em ampla discussão em diversos campos para além das artes visuais. O que requer de mim apresentar uma linguagem mais “palpável” ao campo das artes e cotidiano. Enquanto pessoa artista-pesquisadora preciso refletir sobre as ferramentas tecnológicas que utilizo em minha poética; e enquanto pessoa sensível preciso refletir sobre os repertórios imagéticos midiáticos que afetam o meu íntimo. Por final todas essas questões me fazem pensar na potência da relação entre narrativa transmídia (macro) com a reflexão de um si-mesmo queer por dinamizar e sensibilizar a subjetividade de meu próprio corpo e suas formas de se expressar (micro). Na busca por descobrir formas inventivas de criar arte alinho-me com o pensamento crítico e subversivo as estéticas e discursos reducionistas de branquitude, patriarcas e heteronormativos - a perspectiva autoficcional parece me guiar para um rompimento com alguma forma concreta e tecnicista das instituições tradicionais das artes visuais. Já que ao pôr em reflexão a minha força de criação acabo por priorizar uma fluidez dos modos em criação em detrimento do domínio de alguma forma “certa” de ser artista e de se fazer arte.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2019.

Capítulo de livro

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência - o futuro do pensamento na era da informática.** Editora 34 Ltda. São Paulo - SP, 1999. Capítulo II: p.46-81

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** Brasil: Editora Aleph, 2009. Capítulo 03: p.138-194.

HUGILL, Andrew. **‘Pataphysics a useless guide.** London: First MIT Presspaparback edition, 2015. Capítulo 01: p.01-23.

Artigo

Cassiano, M. & Furlan, R. (2013). **O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise.** Psicologia & Sociedade, 25(2), 372-378. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000200014

NOGUEIRA, Luciana Persice. **A autoficção de S. Doubrovsky e o registro da memória de si: obra em Si Bemol.** In: Anais XV Encontro Abralic., 2016, pp. 6150-1658. Disponível em: www.abralic.org.br/anais-artigos/?id=1545

PELLEJERO. Eduardo. **Literatura e fabulação: deleuze e a política da expressão.** In: Polymatheia – Revista De Filosofia. Fortaleza, Vol. Iv, Nº 5, 2008, P. 61-78